

**fernando
josé
pereira**

**04.07
–12.10
2025**

**curadoria
andrea magalhães**

**o que arquipélago
ressoa**

**Centro
de Arte
Oliva**

Duas obras, separadas por 28 anos, balizam o intervalo temporal desta exposição. A mais antiga, de 1997, *A Utopia do Exílio*, foi realizada a partir de um facto: a permanência, há então 15 anos, no corredor da morte do militante negro Mumia Abu-Jamal (membro dos Black Panthers). Hoje, passados 28 anos, continua preso. Já são 43 anos. A mais recente, de maio deste ano, *Os silêncios escondidos*, é especial. O ano que estamos a viver confronta-nos, em formato *live*, com algo com que nunca tínhamos presenciado: o genocídio de um povo. Do povo palestino. A obra permanece como uma espécie de um marcador triste do tempo. Deste tempo da exposição; deste tempo quase sem tempo; deste tempo em que a instantaneidade nos permite assistir ao inimaginável. À indignidade com que convivemos diariamente, ao silêncio comprometido, que carrega consigo a Nakba que não queremos ver. Um espectro que não nos deixará nunca.

No filme *O Olhar de Ulisses*, de Theo Angelopoulos, há uma cena fulcral em que o ecrã permanece completamente branco durante vários minutos, ouvindo-se apenas sons. As imagens revelam uma camada densa de nevoeiro sobre Sarajevo, durante o cerco na guerra dos anos 90 do século passado. Os sons que se escutam são de metralha, que, adivinhamos pelas cenas anteriores, correspondem a um fuzilamento coletivo. Mais à frente, ainda sob o manto de nevoeiro, ouvem-se os sons de uma orquestra a tocar. Diz um dos músicos que o nevoeiro assim o permite, pois os atiradores furtivos nada conseguem ver. Estas duas polaridades da realidade – a violência e a morte, mas também a esperança e a resistência – são eixos centrais da construção desta exposição. Os vapores brancos que sobem do interior da natureza islandesa num dos vídeos da exposição, confrontam-se com o negro do carvão e da grafite dos muitos desenhos presentes. Uma dualidade que transcende o cromatismo da realidade: o branco e o negro como metáforas do presente.

O trabalho artístico de Fernando José Pereira, desenvolve-se sobretudo a partir do vídeo, da instalação e desenho, sendo marcadamente reflexivo sobre as condições de criação artística em relação com os contextos históricos, sociais e políticos. Na sua obra, estão implícitas questões como a globalização, o exílio, o isolamento e distanciamento, e a perseguição política, étnica e racial. Em paralelo, atravessam o seu trabalho referências constantes ao pensamento e à obra de outros artistas, cineastas e autores.

A presente exposição reúne obras realizadas entre o final da década de 1990 e a atualidade, algumas das quais nunca foram exibidas, enquanto outras apenas foram apresentadas fora de Portugal. O seu título retoma o da compilação de textos do artista, publicada em 2025 pela Stolen Books.

Há já alguns anos foi lançado um álbum da compositora francesa Éliane Radigue. Intitula-se *L'île re-sonante*. Também há algum tempo, o texto curatorial da Trienal de Londres afirmava que um arquipélago é um conjunto de ilhas unido por aquilo que as separa. Fragmentos, portanto. Esta exposição intitula-se, por isso, *o arquipélago que ressoa*. Trata-se de uma mostra constituída por uma seleção de obras – também elas dispersas no tempo e no espaço – todas realizadas num determinado momento e em circunstâncias precisas.

Um tríptico apresenta-se, no seu negro carregado pelo carvão que o compõe, como uma espécie de *statement*. Afirma: “no neutral options”. Tinha razão Nanni Moretti, no seu filme *Santiago, Itália*, quando, na única cena em que aparece, se dirige a um militar preso após a queda da ditadura de Pinochet – um homem que tenta agarrar-se a ele para justificar a sua detenção. Moretti apenas diz: “mas eu não sou imparcial” – e sai de cena. Fiquemos com o seu exemplo e com a força da sua frase. Parece pouco, mas não é. Nem sequer é um parecer. É.

Fernando José Pereira
Junho de 2025

Exposição

CURADORIA

Andreia Magalhães

PRODUÇÃO

Coordenação Maria Manuel Pinto

Colab. Giovanna Pereira

REGISTO

Joana Valente

CONSULTORIA TÉCNICA SOM E IMAGEM

Paulo Cunha Martins

MONTAGEM

João Bonito

Rúben Freitas

Rui Azevedo

ILUMINAÇÃO

Karina Polyanina

Rui Barroso

SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS

Coordenação Alzira Silva

Sandra Santos

DESIGN

Márcia Novais

TRADUÇÃO

Martin Dale

MEDIAÇÃO E PARTICIPAÇÃO

Coordenação Daniel Costa

Ângelo Costa

Joana Ribeiro

Miguel Almeida

Mariana Rocha

MECENAS DA EXPOSIÇÃO

Fundação Ilídio Pinho

o arquipélago que ressoa é a segunda exposição realizada no Centro de Arte Oliva com o apoio da Fundação Ilídio Pinho, no âmbito de um programa dedicado a artistas portugueses em meio de carreira. O projecto integra uma linha de programação mais ampla focada no trabalho com artistas que cruzam disciplinas e esbatem fronteiras entre filme, vídeo, performance e instalação.

AGRADECIMENTO

A todos os que tornaram possível esta exposição, com especial reconhecimento a Miguel von Hafe Pérez pelo papel decisivo na sua realização. À Isabel Almeida, pela presença e apoio contínuo.

Rua Paula Rego
3700-119 S. João da Madeira
www.centrodearteoliva.pt

**Centro
de Arte
Oliva**



S. João da Madeira
Câmara Municipal

mecenas
da exposição



FUNDAÇÃO
ILÍDIO
PINHO